

A relação entre a cidade e as edificações

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.007-098>

Doris Baldissera

Mestre em urbanismo, Universidade de Caxias do Sul - UCS.

E-mail: dbaldis1@ucs.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2969067098728092>

Nicole Rosa

Mestre em arquitetura e urbanismo, Universidade de Caxias do Sul - UCS.

E-mail: nrosa1@ucs.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1571405357447063>

RESUMO

Este artigo aborda o tema dos prédios antigos e as novas construções e como ambas tem seu valor dentro da cidade, tanto no sentido de memória e espírito de lugar, quanto na relação econômica. O tema central passa por essa reflexão de como a mistura de usos e diversidade de atividades pode ser positiva e um meio de atrair tanto novos empreendimentos em edificações antigas, quanto uma nova dinâmica para essas áreas. Os centros urbanos precisam tratar a passagem do tempo e a relação entre o novo e o antigo de uma forma mais sustentável e explorar esse potencial, porque a cidade nada mais é que essa mistura do que foi, do que é, e do que vai ser. Nessa investigação, explora-se alguns exemplos dentro da cidade de Caxias do Sul, que comprovam, ativamente, que a mistura de idade, gêneros, tipologias e usos das edificações é o que pode garantir uma dinâmica de cidade mais inteligente e viva, onde os seus usuários são diretamente ativos no processo de construção dessa memória vinculada às atividades que se exercem na rua. Com isso, se trás a tona o pensamento de um projeto urbanístico que respeite e valorize essa construção e modificação das cidades de uma forma mais consciente e vinculada com um processo onde as pessoas consigam reconhecer a sua história e com isso preservá-la e mesmo assim, sem prejudicar o desenvolvimento.

Palavras-chave: Edificações, Antigo, Novo, Urbano, Vitalidade, Cidade.



1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO DA CIDADE

Caxias do Sul, é um município localizado ao nordeste do Rio Grande do Sul, com uma população aproximada de 500 mil habitantes, é fortemente representada pela cultura e costumes italianos. A cidade é um polo industrial muito importante para a região e basicamente tem toda a sua economia voltada para esse mercado, entretanto nos últimos anos, há uma grande população de jovens que vem crescendo na cidade e está fazendo com que haja uma necessidade constante da ocupação e apropriação da rua.

Entretanto, apesar dessas novas mudanças, a cidade ainda apresenta muitas características que não permitem essa relação direta com a rua, porém o estudo desse artigo mostra que uma das maiores características morfológicas da cidade pode potencializar a vitalidade urbana.

O estudo, está principalmente baseado na análise feita pela autora Jane Jacobs, no capítulo nove do seu livro intitulado “Morte e vida de grandes cidades”, que mostra as vantagens de se valorizar e se apropriar da variedade de edificações, novas e antigas e com isso trazer um grande potencial para se relacionar com a cidade e as pessoas.

2 REFLEXÃO SOBRE MÉTODOS DE ANÁLISE

Segundo Jacobs (2003), Gehl (2010), o termo vitalidade urbana refere-se à vida de pessoas nos espaços públicos, aqueles que são de uso comum a todos, e isso pode se dar tanto em espaços de praças e parques, mas também nas calçadas. Entretanto, muitas vezes, as ruas são tratadas apenas como espaços de passagem e não são devidamente exploradas com esse potencial de promover encontros e relações humanas entre quem passa e os usos que vão acontecendo na cidade.

Segundo Pesavento (1996), os espaços públicos são como “microcosmos da vida”, que fazem parte da nossa memória do mundo, e com eles trazem os grandes acontecimentos e os pequenos, fazendo desses espaços lugares com grande poder afetivos para seus usuários. Dentro dessa ótica, as ruas aparecem com grande potencial de promover a vida nas cidades, pois estão presentes ao decorrer de toda ela, organizando-a e permitindo o deslocamento. Entretanto, o que se vê, na maior parte das cidades contemporâneas, é esse potencial ser desperdiçado por uma supervalorização dos veículos e empreendimentos que não se relacionam com o espaço público.

Mais uma vez, Jacobs (2003), traz que existem alguns fatores que podem contribuir para essa retomada as calçadas, tais como segurança e o incentivo ao usos do espaço não só como passagem mas também como permanência. Ambos, quando trabalhados de forma conjunta, segundo a autora, promovem “ a paz nas ruas e calçadas, gerando a ordem pública, que não é mantida somente pelo policiamento, mas pela forma inconsciente de como as pessoas usam esses espaços e se apropriam deles, gerando uma vigilância contínua”.

O que isso quer dizer na prática, é que os próprios usos que acontecem nos térreos das edificações tem um papel imprescindível nesse quesito de vitalidade urbana. Segundo Jacobs (2003), a infraestrutura de organização dos tipos de usos nos térreos que potencializa os “olhos na rua”, que seria essa vigilância de quem está dentro dos prédios (privado), para quem está circulando nas calçadas (público), faz com que a dinâmica da segurança funcione melhor. Ao mesmo tempo as pessoas passam a percorrer mais “ a pé” pelas calçadas, por se sentirem seguras, em um espaço que demonstra diversidade de atividades e pedestres que se movimentam e fazem dessa cidade um espaço mais vivo.

Os próprios estabelecimentos também tem esse papel na lógica da relação entre interno e externo das edificações, Jacobs (2003) denomina esse sistema de “vigilância cidadã”, que com a mistura de usos, tendo espaços de morar, lazer, comércio e serviços, fazem com que esse setor nunca fique totalmente desassistido, ele sempre terá algum tipo de movimento, seja de moradores, seja de quem trabalha ou que utiliza os serviços e comércios locais.

Dentro dessa relação de potencializar o espaço público, que para fins desse trabalho, vamos tratar as ruas e calçadas, Gehl (2010) fala sobre a necessidade do espaço mais convidativo e que as pessoas se sintam incentivadas a caminhar, pedalar ou permanecer, de forma espontânea nesses espaços da cidade. Essas estratégias atuam na intensificação da atividade de pedestres nas ruas e possibilitando o direito das pessoas de experimentar as ruas e calçadas como um espaço público de qualidade.

Se tratando do nível da rua, Gehl (2010) sugere 12 critérios para avaliar a qualidade de uma cidade se referindo à vida urbana:

1. Proteção dos pedestres contra o tráfego e acidentes, o que elimina o medo do trânsito e leva a uma sensação de segurança.
2. Proteção contra o crime e a violência urbana: depende de haver muitas atividades na rua – dia e noite –, de a rua estar sob os olhos de muita gente e ter boa iluminação.
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis, causadas por vento, chuva, calor/frio, poluição, ruído, poeira etc.
4. Oportunidades para caminhar: espaço suficiente e sem obstáculos, boas superfícies, acessibilidade para todos e fachadas interessantes, que ofereçam o que ver.
5. Espaços de permanência: zonas atraentes para sentar e/ou ficar de pé nas bordas dos espaços e suportes para ficar de pé.
6. Ter onde sentar, aproveitando as vantagens que o lugar oferece.
7. Possibilidades de observar: vistas interessantes, distâncias razoáveis, sem obstáculos, iluminação.
8. Oportunidades de conversar e ouvir: baixo nível de ruído, mobiliário adequado e que leva a isso.

9. Locais para jogar e se exercitar: convite à criatividade e a atividades físicas, a toda hora e em todas estações.
10. Escala humana nos edifícios e nos espaços abertos: que sejam pensados para a pessoa que caminha e não para quem passa dentro de um carro. É uma questão de tamanho e densidade.
11. Oportunidades de aproveitar os aspectos positivos do clima: sol/sombra, calor/frescor, brisas.
12. Experiências sensoriais positivas: bom projeto arquitetônico, bons materiais, vistas, árvores, plantas e água.

Segundo Domingos (2015), a discussão em relação às interfaces entre os térreos das edificações e as calçadas, também pode ser um fator de grande importância para promoção de vida nesses espaços. A autora afirma que “apesar da vitalidade urbana ser desejável para a cidade como um todo, a tranquilidade também é almejada e valiosa em uma cidade ativa.” Então, para que haja esse equilíbrio é preciso estratégias projetuais, e a autora propõe algumas questões, como:

1. Coesão ou fechamento: A forma como acontece a relação bilateral entre as edificações, permitindo a continuidade das fachadas, dando sentido de organização para o pedestre ao realizar o percurso da rua. Além do sentimento de acolhimento gerado pela extensão horizontal das edificações.
2. Permeabilidade, transparência e layout dos pavimentos térreos: Permeabilidade física, que acontece geralmente em estabelecimentos comerciais ou então a partir de portas residenciais e permeabilidade visual, a partir de janelas e vitrines que olham para a rua. Fechamentos frontais que permitam permeabilidade visual e a forma como o programa das edificações é distribuído no térreo, para evitar que setores de uso íntimo aconteçam na interface, fazendo com que as aberturas do ambiente permaneçam fechados ou então usos como estacionamentos que geram fachadas cegas.
3. Tratamento adequado das áreas frontais: Segundo Gehl (2013) 11% da vida na rua se refere ao movimento de deslocamento, enquanto 89% corresponde a atividade de permanência. Portanto, todo e qualquer espaço público que permita o estímulo para o uso das pessoas, deve ter atenção. Neste sentido, o tratamento dos recuos frontais é fundamental, não somente em áreas comerciais, mas também junto às residências. Qualquer espaço público sentável permite vida urbana, para tanto, é imprescindível que, sempre que possível, aconteçam espaços com possibilidades para que o pedestre sente, sejam em muretas sombreadas, parklets, mesas de estabelecimentos comerciais ou então os espaços sentáveis na área privada do lote, como sacadas, varandas, terraços ou toldos que permitam com que o morador sentado a frente de sua casa crie relação visual direta com a rua.

4. Estímulo sensorial: Ritmos curtos, riqueza de detalhes, personalização: discute sobre a forma como a experiência na caminhabilidade e uso do espaço público, a partir das calçadas, aconteça.
5. Diversidade de atividades, porte e idade dos edifícios: trata da importância da diversidade de usos complementares e variados. Em relação ao porte dos edifícios, importa mais a largura da testada do que sua altura, pois a partir do quarto pavimento a conexão visual do pedestre se dilui, e testadas muito largas podem trazer homogeneidade e monotonia excessiva. Além dos diferentes portes, idades e condições diferentes resultam em valores comerciais diferentes, sendo vitais para o acolhimento da diversidade.

Com isso, podemos concluir que para Gehl (2010) a interface público/privado deve ter fachadas que predominam linhas verticais que expressam ritmos curtos, e muitos detalhes que despertam experiências agradáveis no decorrer do percurso. Em relação a diversidade de atividades, porte e idades de edifícios, Jacobs (2009) defende a ideia da diversificação dos usos, possibilitando que aconteça também a diversificação do público que vai utilizar os espaços públicos.

Enfim a vitalidade urbana diz respeito a vida dos espaços públicos, mas ela é muito mais abrangente, porque as calçadas e ruas não podem trabalhar e exercer esse papel sozinhas, elas precisam que as edificações do seu entorno sejam pensadas e incentivadas a terem térreos que corroborem para esses fins. Porque a rua só se torna interessante quando potencializa a socialização e gera segurança e promove atividades corriqueiras e comerciais, é um ciclo, onde as pessoas caminham, os usos dos térreos atraem e a cidade se torna mais dinâmica.

3 A RETOMADA DA VIDA NAS CALÇADAS

Segundo JACOBS (2000) as cidades precisam tanto de prédios antigos, que talvez seja impossível obter ruas e distritos vivos sem eles. Isso comprova que uma área da cidade que apenas privilegia prédios novos acaba por arcar com um custo bastante elevado, pois essas edificações precisam ter seus custos amortizados e revertidos em lucros para quem ali investiu. Entretanto, ao mesmo tempo que isso pode trazer benefícios estratégicos para essa localidade, como pensamento urbanístico, acaba limitando o perfil dos usuários e as atividades que ali se estabeleceram e conseqüentemente se vai haver ou não vitalidade nesses espaços.

A mistura da temporalidade dos prédios possibilita pessoas diferentes, usos mistos e com isso um maior aproveitamento levando em consideração as várias horas ao longo do dia. Podemos pensar em uma edificação nova, estritamente comercial que funcione apenas durante o dia, ao seu lado um edifício com térreo comercial, que abrigue um restaurante e nos pavimentos superiores residenciais.

Levando em consideração essa quadra hipotética, onde há usos comerciais, residenciais e espaços de lazer, qual será o resultado para a cidade? Um espaço com muita vitalidade urbana, pois

durante o horário comercial as ruas são ocupadas por quem está utilizando o comércio local, indo e vindo do trabalho; no horário de almoço, os trabalhadores dos escritórios ocupam as calçadas para seus intervalos e no final da tarde, a rua é o palco de ir e vir de quem busca uma hora de lazer.

A diversidade é um atrator, e com isso uma rede de serviços de apoio começam a se estabelecer nessa área, funções tais como mercearias, farmácias, livrarias, cafés, bancos, comércios de primeira necessidade e tudo aquilo que possa dar ainda mais vida a esse balé que acontece diariamente na rua. Quanto maior for a variedade presente nas edificações, maior será a possibilidade de usos diversificados, as atividades para ganharem um “status” de maior importância dentro do cotidiano das cidades, precisam estar instaladas em locais que as representem, que as fomentem perante aos usuários.

É muito comum em uma quadra em que haja muita vida, representada pelos serviços de negócios e escritórios, mais privativos e que não necessitam tanto de relação direta com as pessoas que usam a rua, costumam se instalar em edificações novas, ao mesmo modo que boas livrarias, cafeterias e lojas que buscam estabelecer uma experiência entre usuário, cidade e compras, preferem, muitas vezes, se estabelecerem em prédios que façam parte da história dessa rua. Isso além de dinâmico trás consigo um sentido de pertencimento e identidade ao lugar, porque mesmo que ele vá se transformando ao longo tempo, as edificações são as marcas dessa história e um relato constante do que é a vida urbana.

Pode-se dizer que essa relação entre a mistura de atividades e o reuso das edificações antigas, no contexto urbano, contribui e muito para a segurança e os “olhos na rua”, segundo JACOBS (2000).

Até mesmo as empresas que consigam financiar novas obras nas cidades precisam de construções antigas na vizinhança. Do contrário, serão uma atração única num ambiente único, bastante limitado economicamente - e portanto com muitas limitações, do ponto de vista funcional, para se tornar movimentados, interessantes e úteis. O florescimento da diversidade em qualquer lugar da cidade pressupõe a mistura de empresas de rendimentos altos, médios e baixos. (JACOBS, 2000, p. 208)

O que se deve levar em consideração, é que uma das desvantagens das construções antigas é exatamente o fato de elas serem antigas, tem recursos de infraestrutura limitados, enfim tudo aquilo que vem com o passar do tempo para qualquer edificação que esteja presente na cidade. O que pode ajudar a garantir a renovação dessas áreas, está muito ligado a essa cultura de usos mistos, uma vez que os moradores antigos não queiram investir nessas edificações, pelos mais variados motivos (eles não veem mais atrativos neles ou não querem gastar em uma reforma quando podem comprar um novo empreendimento), o fato é que, muitas vezes aquilo que não agrada uns é um ótimo investimento para outros.

A busca pela constante renovação e recuperação está diretamente ligada a gerar valor para esses locais, o abandono pode sim virar em um fracasso, mas o velho não, o velho pode ser uma oportunidade de novos começos.

4 CAXIAS DO SUL E SUAS PECULIARIDADES

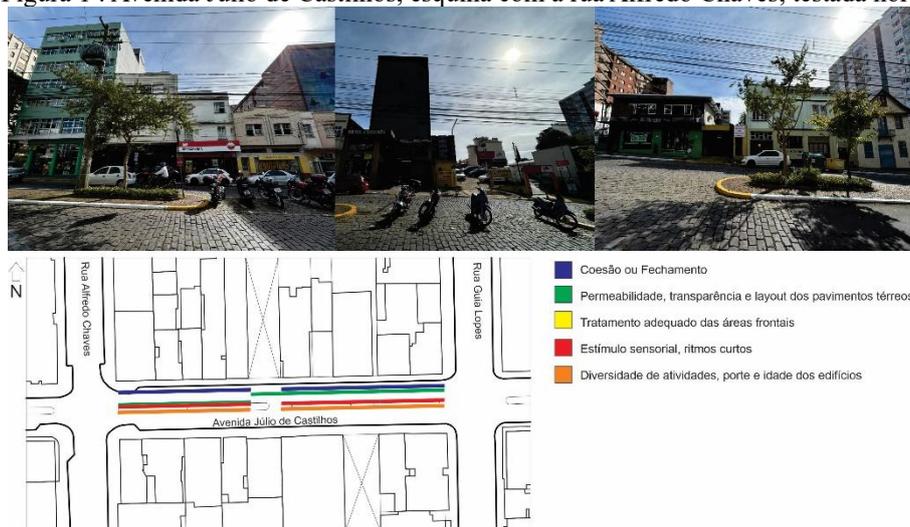
Em muitos casos, uma área pode ser tão produtiva economicamente e culturalmente, que se torna capaz de despertar um novo olhar, que em outros lugares da cidade não há, porque esse valor, muitas vezes imaterial, não é possível de se reproduzir em qualquer outro espaço, ele está ali, naquelas edificações, com aquelas atividades, com aquela vivência.

A longo prazo, o que se espera são que essas atividades e usos dessas edificações, se tornem tão sustentáveis, a ponto de que o tempo vai passando e tudo vai adquirindo outros usos, reformas ou até mesmo sendo substituídos por edificações novas, mas como o “lugar” como *genius loci* está bem estruturado, o que acaba por ser um processo dinâmico e natural.

O tempo transforma os prédios de alto custo de uma geração em pechinchas na geração seguinte. O tempo salda o valor inicial do dinheiro investido, e essa depreciação pode refletir-se nos rendimentos que esperam de um edifício. O tempo torna obsoletas certas estruturas para certos empreendimentos, e elas passam a servir outros. O tempo pode transformar o espaço adequado para uma geração em espaço supérfluo para outra. O que é lugar-comum nas edificações de um século torna-se aberração no seguinte. (JACOBS, 2000, p. 210)

Para representar essa relação entre novas e antigas edificações, foi escolhido um trecho de uma das principais ruas de Caxias do Sul, a Avenida Júlio de Castilhos. Tradicionalmente, uma das principais ruas da cidade, onde se encontrava os comércios mais importantes, atravessa a Praça central da cidade, a Dante Alighieri, e também era o símbolo de onde as pessoas faziam o famoso “footing” nos finais de semana. Hoje, ela ainda tem valor simbólico e morfológico dentro da cidade, primeiro devido ao seu canteiro central e suas calçadas mais largas, sua caixa viária permite apenas o trânsito de um veículo em cada sentido, e falando das relações urbanas, ao longo de toda a sua extensão (ela atravessa o centro da cidade no sentido leste-oeste), a maioria dos comércios e serviços ainda possuem essa conexão com a rua, são grandes vitrines, cafés e bancos que fazem com que o pedestre seja o grande protagonista nesta área.

Figura 1 : Avenida Júlio de Castilhos, esquina com a rua Alfredo Chaves, testada norte



Fonte: Autoras

Figura 2 : Avenida Júlio de Castilhos, esquina com a rua Alfredo Chaves, testada sul



Fonte: Autoras

Nesta foto em especial, tirada em um dia durante a semana, percebe-se que há uma relação dos estabelecimentos nos térreos diretamente com a rua, o que favorece o caminhar das pessoas e ao mesmo tempo o interesse por se utilizar desse percurso ao invés de outro. Há uma outra peculiaridade nesse trecho, que de certa forma se propaga ao longo de toda a Avenida Júlio de Castilhos, a mistura de edificações de três tipos: as antigas, as novas e as reformadas. Esse encontro é uma das principais riquezas dessa área, pois ao mesmo tempo em que vemos comércio de roupas, temos um mercadinho, uma farmácia e assim por diante. A mistura de usos é o que propicia a riqueza do espaço e consequentemente seu uso efetivo e consolidado. As pessoas usam a Avenida Júlio de Castilhos, pela memória que ela trás, pela sua história, refletidas nas edificações e pela sua multiplicidade de funções e atrativos para a cidade.

Figura 3: Avenida Júlio de castilhos e seus usos mistos

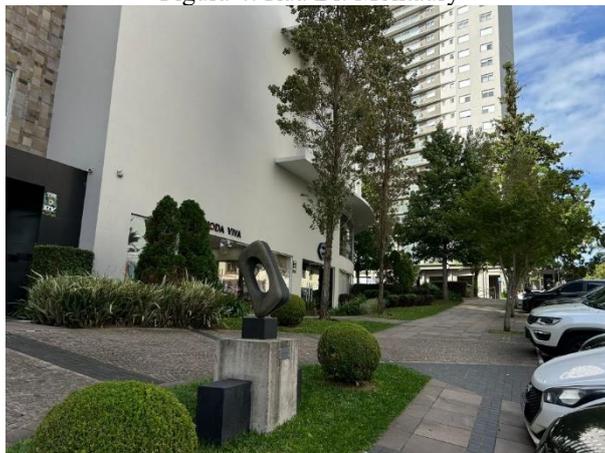


Fonte: Autoras

A relação entre uma calçada com apenas prédio novos e pontos comerciais que não se relacionam de maneira alguma, e uma outra com fachadas diversificadas e que se misturam com o movimento da rua representam uma grande diferença dentro da ocupação espontânea da cidade pelas pessoas. Um fato bastante curioso, é que muitos dos edifícios antigos abrigam neles mesmos um misto de atividade, que gera o movimento constante na rua, alguns com o térreo comercial e os pavimentos seguintes de moradia, garantem o movimento de chegada e saída em certos horários e a área pública se encarrega dos demais turnos.

Temos como um exemplo bem distinto da mesma situação, um outro ponto da cidade de Caxias do Sul, na Rua Dr. Montauray, junto ao Fórum da cidade, e um conjunto de prédios comerciais com os térreos voltados ao comércio. Nota-se que ao mesmo tempo que toda essa área tem uma qualidade no tratamento dos passeios, ajardinamentos ornamentados, não há uma apropriação direta dos usuários.

Figura 4: Rua Dr. Montauray



Fonte: Autoras

A falta de variação de tipologias arquitetônicas, bem como os seus usos, não faz o espaço ser convidativo para a utilização em diferentes horários. Mesmo as pessoas que vêm para alguma atividade

no Fórum, fazem os seus afazeres e acabam não permanecendo na área. O que é mais curioso, é o fato de que muitos serviços deveriam atender a uma população variada, pois ali existem espaços de beleza, lojas e cafés, mas o que se vê é apenas a movimentação nos horários de chegada e saída dos edifícios comerciais. E além do mais, o maior fluxo na região é feito por pessoas de carro, onde as mesmas chegam e saem dos seus locais de trabalho em seus veículos, ou estacionam, fazem suas atividades e retornam, não há uma relação direta e efetiva entre as pessoas, a rua e as edificações, não há vitalidade urbana.

Figura 5: Testada Leste. Térreo dos prédios com comércio e boa qualidade de passeio público, mas nenhuma pessoa circulando.



Fonte: Autoras

Figura 6: Testada Oeste. Térreo dos prédios sem nenhum tipo de relação com o passeio público.



Fonte: Autoras



A idade variada das edificações, além de usos, possibilita um grande potencial para o mercado imobiliário, pois nenhum tipo de planejamento que priorize apenas construções novas, possibilita um custo variável, tanto de aluguéis como para compra e venda. O benefício disso, mais uma vez, é tornar uma área altamente eficiente e sustentável.

É muito relativa a idade das construções quanto à utilidade e à conveniência. Nada num distrito que tenha vitalidade parece velho a ponto de não ser escolhido por quem tem esse poder - ou a ponto de ser eventualmente substituído por algo novo. (JACOBS, 2000, p. 213)

O que vale ressaltar nesse pensamento, é o quando a própria área da cidade também se responsabiliza em manter de qualidade as suas edificações, não há um edifício ou uma casa que tenha uma certa “idade” que não se torne objeto de desejo para reforma ou uma oportunidade de investimento de um novo negócio. Toda a questão da vitalidade urbana está muito conectada a como as pessoas se relacionam com as edificações e como as mantêm perante a cidade. Fazendo uma analogia as roupas, é como aquela peça “vintage” bem cuidada que quando volta a moda pode ser reaproveitada e com isso chama atenção pela sua autenticidade e beleza.

Com os edifícios não acontece diferente, o antigo ainda atrai os olhares quando ele é bem cuidado, essas edificações tem um grande potencial de destacar e promover o que nelas está sendo implantado, uma característica que não se constrói, apenas se conquista com o passar dos anos e com o vigor de uma boa e velha arquitetura que compõe de forma valorosa com a cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando na morfologia da cidade e que ela é um organismo em constante modificações, é interessante quando essa conexão transcende e se mostra na relação entre a fachada e a rua em si, quando muitas vezes o que era uma sala de estar de uma casa, vira vitrine de uma loja, ou quando um porão se transforma em uma barbearia.

Na nossa breve comparação entre essas duas áreas dentro da mesma cidade, o que as diferencia não é nem tanto a sua distância geográfica do centro ou a falta de um elemento atrator, o que as faz diferentes é a maneira como as pessoas se relacionam com ela e como isso beneficia ou prejudica um espaço. De que adianta lugares com edifícios novos, passeios públicos bem tratados se as pessoas não os usam, de que adianta planejar edificações que não se relacionam com a rua, a cidade é o que vivemos ao nível do observador, são as relações diretas entre as vias, as edificações e principalmente as pessoas, é isso que faz esse espaço urbano tão rico.

O que seria da cidade se não fossem as suas múltiplas possibilidades, transformar dois apartamentos pequenos em um maior, combinações de prédios antigos e novos, custos de vida e motivações diferentes em um espaço de real diversidade e vida ativa, pessoas ativas, pessoas nas ruas.



[...]o que nós queremos, e muitos outros querem, são construções antigas, num bairro cheio de vida, que alguns de nós podem tornar ainda mais cheio de vida. (JACOBS, 2000 ,p.214)

As cidades precisam dessas diversidades para que possam abrigar os mais variados fluxos, usos e estilos, construções novas e antigas quando juntas em um mesmo ambiente geram esse tipo de movimento, que atrai gente, que trás mais comércios e com isso uma troca, uma movimentação que é a expressão real do que devem ser as cidades.



REFERÊNCIAS

DOMINGOS, Natércia Munari. Vitalidade Urbana, Interface entre Edificações e Espaços Públicos. Orientador: Maria Soares de Almeida. 2015. 332 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre - RS, 2015.

GEHL, Jan. Cidades para Pessoas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva S.a., 2014. 262 p. Tradução de: Anita Di Marco.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: M. Fontes, 2003. 510 p. ISBN 8533612184. AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).